

RELAÇÃO FAMÍLIA-ESCOLA E A PERSPECTIVA BIOECOLÓGICA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Luísa Leôncio Monti – PPGE – UNESP Araraquara

E-mail para contato: luisamonti@gmail.com

Eixo Temático: Eixo 1 - Políticas e Práticas na Educação Infantil

Categoria: pôster

RESUMO

O presente trabalho foi desenvolvido através das experiências vivenciadas no estágio em Administração Educacional na etapa da Educação Infantil do curso de Pedagogia da Universidade Federal de São Carlos. Este relato de experiência se pautou em um método de caráter descritivo-analítico e propôs-se a investigação sobre a importância da relação família-escola para o desenvolvimento infantil, relacionando com as práticas observadas em estágio. Para tanto, adotou-se como fundamentação teórico-metodológica a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano de Urie Bronfenbrenner. Notou-se a necessidade de uma relação entre família e escola baseada em igualdade, permeadas de sentimento afetivos positivos, reciprocidade e equilíbrio de poder, sendo necessário que os pais se aproximem do ambiente escolar. A reunião escolar é uma das formas de estreitar vínculos entre as instituições, o que é benéfico ao desenvolvimento infantil.

Palavras-chave: Desenvolvimento infantil. Relação família-escola. Perspectiva bioecológica.

1. INTRODUÇÃO

O Relato de Experiência aqui exposto teve como objetivo compreender a importância da relação família-escola a partir das práticas observadas durante o estágio em administração educacional obrigatório a um curso de Pedagogia. Para tanto, relacionou-se com a perspectiva bioecológica de Bronfenbrenner na tentativa de estudar o fenômeno apontado que contempla o desenvolvimento de forma a focalizar nas interações entre as pessoas e os diferentes contextos com os quais tem contato.

Família e escola se constituem como dois dos principais ambientes de desenvolvimento humano na composição da sociedade atual. A comunicação entre tais ambientes, família e escola, é imprescindível, segundo Bronfenbrenner (2002) ao desenvolvimento infantil. “[...] o potencial desenvolvimental da participação em múltiplos ambientes varia diretamente com a facilidade e a extensão da comunicação de duas vias entre esses ambientes” (BRONFENBRENNER, 2002, p. 167). Portanto, é crucial que família e escola estejam em constante contato.

Assim como o microssistema escolar pode apresentar potencial de risco ou proteção na vida das crianças, a família também pode oferecer fator de risco ao desenvolvimento saudável infantil. Quando positivo, este relacionamento é associado à melhora no desempenho escolar, à redução de problemas comportamentais e ao desenvolvimento de habilidades sociais (BERRY & O’CONNOR, 2010).

O propósito do estágio foi acompanhar a diretora da instituição, onde, conseqüentemente, houve o contato direto com as famílias e, o aspecto mais interessante, foi a tentativa em compreender a relação da escola com a família, fazendo então desse ponto o objetivo do artigo.

2. METODOLOGIA

Trata-se de um Relato de Experiência de caráter descritivo-analítico, elaborado a partir das experiências de observação ativa vivenciadas no estágio em administração educacional. Tal estágio se encontra, dentro do currículo de licenciatura em Pedagogia na Universidade Federal de São Carlos, no 8º semestre, na disciplina de Estágio Supervisionado em Administração Educacional: Educação Infantil.

O estágio foi realizado na CEMEI Carmelita Rocha Ramalho. A instituição está localizada em um bairro, considerado pela comunidade, de região central da cidade de São Carlos/SP. A duração do estágio foi de aproximadamente três meses, entre setembro e novembro de 2015.

Para investigar a importância da relação família-escola para o desenvolvimento saudável da criança, fazendo um paralelo com os dados observados no estágio, adotou-se como fundamentação teórico-metodológica a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano de Urie Bronfenbrenner.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante o estágio, foi possível conversar brevemente sobre a relação família-escola com a diretora. Para ela, a colaboração entre as instituições é fundamental a um funcionamento adequado da escola e ao sucesso de seus alunos. Inclusive, disse que a escola e a família têm objetivos em comum: “a felicidade e o sucesso acadêmico das crianças”. Sustentando que a colaboração entre as duas instituições é essencial para a construção desses objetivos com eficácia.

Pensar em educação infantil significa pensar meios para a garantia da convivência familiar, sem prejuízo do desenvolvimento infantil; significa conciliar o direito à convivência familiar com o direito à educação formal, detalhando a corresponsabilidade das instituições (família e escola), “que têm tarefas importantes, distintas e complementares, sendo a relação entre elas indispensável, complexa e desafiadora” (Sambrano, 2006, p. 137).

Nesse sentido, ambas as instituições, escola e família, exercem papel fundamental ao desenvolvimento da criança, realizando ações socializadoras insubstituíveis e também complementares. Foi possível, no decorrer do estágio, participar de alguns eventos da escola que tinham como objetivo chamar os pais a serem participativos. Acompanhou-se a festa da família, onde viabilizou-se o contato com os pais, professores e crianças, além de acompanhar um pouco a relação dos mesmos.

Vale ressaltar aqui que a relação família/escola, não deve ser pautada unicamente na participação de festas, mas acredita-se que as mesmas servem como maneira de aproximar os pais da escola e convidá-los a continuar participando da mesma. “[...] Cultura participativa não se ordena, mas aprende-se. E essa aprendizagem deve ser um processo coletivo de maturação social e

cívica que faça da participação um valor a preservar [...]” (BARROSO, 1995, p. 26).

É papel de todos os indivíduos da escola trazer essas famílias para a participação, incentivá-los a participar de maneira plena da vida escolar dos filhos. Mas para que isso aconteça os professores, diretores e funcionários devem compreender a comunidade que a escola está inserida, conhecer a história de seus alunos e suas famílias, suas culturas, para que seja possível a melhor relação da escola com a família.

A partir do momento que a família se sente valorizada e parte daquele espaço, a participação crescerá de maneira gradativa, mas esse é um trabalho que deve ser exercido por todos da escola. Seria desta forma que as famílias reconheceriam a sua importância na participação, fazendo com que a relação família escola melhore cada vez mais.

Um gestor consciente e crítico deve promover um ambiente propício para a participação de toda a comunidade acadêmica e externa, para que seus membros possam se sentir responsáveis pelo processo e assim colaborarem com ideias e soluções, criando um vínculo entre eles e a instituição (SILVA, 2009, p. 72).

É incontestável a influência que os contextos família e escola exercem sobre a garantia de condições para o desenvolvimento pleno e saudável da criança. A partir do exposto, pretende-se fazer um breve paralelo entre a relação família-escola com o desenvolvimento infantil partindo do pressuposto metodológico da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano.

Neste modelo, o desenvolvimento humano abrange estabilidades e mudanças nas características biopsicológicas dos indivíduos durante o curso da vida e através das gerações. A compreensão ecológica do desenvolvimento humano não traz à luz investigativa apenas o sujeito e os ambientes imediatos, mas também suas interações mais distantes, mesmo que não tenha aparente participação direta. Tal perspectiva defende um olhar sistêmico sobre o fenômeno, estudando o desenvolvimento humano a partir de quatro núcleos inter-relacionados: o Processo, a Pessoa, o Contexto e o Tempo (NARVAZ e KOLLER, 2005, p. 54).

O Processo é o principal mecanismo responsável pelo desenvolvimento, no qual estão inseridas as interações recíprocas entre o sujeito, as pessoas, os objetos e os símbolos que entremeiam seu ambiente imediato. As formas particulares de interações entre os sujeitos e o contexto são cruciais e entendidas como Processos Proximais (motores do desenvolvimento que diferem de acordo com as características individuais, espaciais e temporais, que envolvem interações diretas). A pessoa, na teoria de Bronfenbrenner, seria o reconhecimento de aspectos genéticos e fatores biológicos no desenvolvimento.

O Contexto é qualquer evento ou condição, fora do indivíduo, que possa influenciar ou ser influenciado pela pessoa em desenvolvimento e se apresenta em quatro sistemas (organizados como estruturas concêntricas): Microssistema, Mesossistema, Exossistema e Macrossistema.

Neste encaixe concêntrico, o Microssistema se encontra no nível mais interno, podendo ser identificado como a casa ou a sala de aula, onde os processos proximais estão em curso. O Mesossistema consiste na interação entre dois ou mais microssistemas no qual o indivíduo participa ativamente e que, no caso, pode ser a relação família-escola. O Exossistema é a interação entre dois sistemas, um no qual o indivíduo atua ativamente e outro no qual não participa ativamente, mas que o influencia. O último nível, o Macrossistema, é o nível mais externo e inclui cultura, crenças, valores, costumes, sistemas sociais, políticos e econômicos, fatores estes subjacentes à formação dos conteúdos dos demais contextos. Enquanto que fator Tempo capta as mudanças do meio, permitindo examinar estabilidades e mudanças, em face aos eventos ambientais ao longo do ciclo de vida.

Bronfenbrenner (2002) afirma que “[...] os aspectos do meio ambiente mais importantes no curso do crescimento psicológico são, de forma esmagadora, aqueles que têm significado para a pessoa numa dada situação” (p. 9). Sendo assim, contextos como escola e família pode influir de maneiras diversas no desenvolvimento.

O autor ainda determina a participação da família na escola, e vice-versa, como vínculos suplementares. Isto é: pessoas que vivem em ambientes diferentes (microssistemas) são levadas a se relacionar por conta do indivíduo

que transita entre estes dois ambientes, onde o indivíduo seria a criança transitando pelos contextos da família e da escola. Para o teórico, a reunião escolar é uma das formas de estreitar vínculos entre as instituições, o que é benéfico ao desenvolvimento infantil (BRONFENBRENNER, 2002).

O potencial desenvolvimental de um ambiente aumenta em função do número de vínculos apoiadores existentes entre aqueles ambientes e outros ambientes (tais como a casa e a família). Assim, a condição menos favorável para o desenvolvimento é aquela em que os vínculos suplementares ou não são apoiadores ou estão completamente ausentes – quando o mesossistema está fragilmente vinculado (BRONFENBRENNER, 2002, p. 165).

Para além disso, Bronfenbrenner (2002, p. 168) estabelece que as interconexões entre os responsáveis e os educadores devam ser bidirecionais, ou seja, deve haver confiança mútua entre os atores dos dois contextos, consonância de objetivos, além de um equilíbrio de poder benéfico à criança, trazendo vantagens ao indivíduo em desenvolvimento. No caso de essa relação não ser recíproca, não é desenvolvida a confiança entre ambos, tornando tal relação em hierárquica, possivelmente distanciando os familiares da escola (BHERING E DE NEZ, 2002).

Durante o decorrer do estágio, foi possível realizar a leitura do Projeto Político Pedagógico da CEMEI Carmelita Rocha Ramalho, onde foi identificada, transversalmente com a temática deste relato de experiência, que o documento tem como meta a ser atingida a “ampliação da participação dos pais na vida escolar dos seus filhos e nos eventos promovidos pela unidade escolar, favorecendo o intercâmbio dos mesmos com a escola”. Sendo assim, é prioridade da instituição a participação da família na vida escolar das crianças, assim como o fortalecimento dessa relação. Contudo, o documento é do ano de 2007, oito anos antes da realização deste estágio. Ou seja, dados das famílias e crianças estão defasados, assim como a comunidade que participou da formulação de tal PPP, já não é a mesma.

Outro ponto interessante observado foi a abertura da gestão em receber pais, responsáveis e familiares na escola, fato esse que se repetiu em mais de um dia de estágio. A diretora se mostrou interessada e aberta em construir um

diálogo com essas famílias que solicitaram a ajuda da gestão em resolver distintos problemas relacionados à escola, construindo, na opinião da autora, um espaço amigável e fortalecendo a relação entre as instituições família e escola.

Pode-se notar que a escola está trabalhando para o maior fortalecimento da participação da família na escola. A diretora está sendo o ponto central dessa mudança. Em conversa com a mesma, ela afirma que esse é um processo que está sendo trilhado em conjunto com os professores e que estes estão entrando em maior contato com essas famílias, chamando-as para participar não só dos eventos da escola, mas também do seu cotidiano. Ainda há um longo caminho na construção dessa relação, mas há a identificação de um forte trabalho nesse sentido, dando um ótimo exemplo de gestão democrática e participativa.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Indiferentemente dos microssistemas nos quais a criança transite, seu desenvolvimento psicológico saudável está relacionado, de acordo com Bronfenbrenner (2002), à existência de interações. Tais interações devem, impreterivelmente, estar permeadas de sentimentos afetivos positivos, reciprocidade e equilíbrio de poder, ou seja, dependem da qualidade das relações.

Para benefício do educando, deve existir uma relação entre família e escola baseada em igualdade, sendo necessário que os pais se aproximem do ambiente escolar. A relação família-escola, quando desenvolvida de forma unilateral, culpabiliza aos pais, que em sua maioria compõem camadas populares, imputando a responsabilidade pelas dificuldades em aprendizagem das crianças.

A escola é considerada a instituição que pode iniciar o processo de comunicação, tendo a responsabilidade de desenvolver maneiras adequadas para estabelecer esse contato (BHERING, 2002). Contudo, transformar a cultura escolar requer participação democrática dos sujeitos envolvidos e, portanto, um esforço conjunto. Consequentemente, é necessária uma revisão do trabalho

docente e sua formação, além da reavaliação da questão cultural e, também histórica, do envolvimento dos pais na escola.

Acredita-se que o investimento da gestão da CEMEI em abrir um canal comunicativo entre as famílias e a escola, tem mudado interações e contribuído para a construção de um espírito participativo nas famílias. Através de convites a diversas festas, eventos escolares e reuniões, tem se constituído, conseqüentemente, um ambiente escolar construído democraticamente, popularmente e que propicia um desenvolvimento saudável infantil.

REFERÊNCIAS

Berry, D. O'Connor, E. Behavioral risk, teacher-child relationships, and social skill development across middle childhood: A child-by-environment analysis of change. **Journal of Applied Developmental Psychology**, v. 31, n. 1, jan, p. 1-14. 2010.

BHERING, E. DE NEZ, T.B. Envolvimento de pais em creche: possibilidade e dificuldades de parceria. **Psicologia: teoria e pesquisa**, Brasília, v.18, n. 1, p. 63-73, jan/abr. 2002.

BRONFENBRENNER, U. **A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados**. Porte Alegre: Artes Médicas, 2002.

BARROSO, João. **Para o desenvolvimento de uma cultura de participação na escola**. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, 1995.

CARNEIRO, R. U. C. Formação de professores: da educação especial à inclusiva - alguns apontamentos. IN: ZANIOLO, L. O.; Dall'Acqua, M. J. C. **Inclusão Escolar: pesquisando políticas públicas, formação de professores e práticas pedagógicas**. Jundiaí: Paco Editorial, 2012.

NARVAZ, M.G, KOLLER, S.H. O modelo bioecológico do desenvolvimento humano. In: KOLLER, S.H. **Ecologia do desenvolvimento humano: pesquisa e intervenção no Brasil**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005, p.51-65.

SAMBRANO, Taciana Mirna. Relação instituição de educação infantil e família. In: ANGOTTI, Maristela (Org.). **Educação Infantil: para que, para quem e por quê?** Campinas: Editora Alínea, 2006.

SILVA, E. P. A importância do gestor educacional na instituição escolar. **Revista Conteúdo**, v.1, n. 2, p. 67-83, set/dez. 2009.